



## **FLAGRANTES DA PRESENÇA DE GANDHI NAS CRÔNICAS CECILIANAS SOBRE EDUCAÇÃO**



## **FLAGRANTS OF GANDHI'S PRESENCE IN CECILIAN CHRONICLES ON EDUCATION**

TERESINHA VÂNIA ZIMBRÃO DA SILVA

ANDERSON AZEVEDO FERIGATE

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 24/06/2021 • APROVADO EM 11/09/2021

---

### **Abstract**

This article considers that Gandhi's presence in the work of Cecília Meireles, whether poetic or prose, has been very little researched for its critical fortune. It also considers that the writer dialogued a lot with Gandhian ideals, especially in the educational field. Therefore, the article proposes to reflect on flagrants of Gandhi's presence in Cecilian chronicles on education.

---

### **Resumo**

O presente artigo considera que a presença de Gandhi na obra de Cecília Meireles, seja poética, seja em prosa, foi muito pouco pesquisada por sua fortuna crítica. Também considera que a escritora dialogou muito com os ideais gandhianos, sobretudo no campo educacional. Por isso, o artigo tem como proposta refletir sobre alguns flagrantes da presença de Gandhi nas crônicas cecilianas sobre educação.

---

**Entradas para indexação**

---

**KEYWORDS:** Cecília Meireles. Gandhi. Education chronicles.**PALAVRAS-CHAVE:** Cecília Meireles. Gandhi. Crônicas de educação.

---

**Texto integral**

---

**1. INTRODUÇÃO**

A obra poética ceciliana é muito conhecida e estudada, mas suas crônicas ainda carecem de leitura e maiores estudos, sobretudo as suas crônicas sobre educação. Sabe-se que além de poeta, Cecília Meireles (1901-1964) foi professora. Exerceu durante anos o magistério, ministrando aulas no ensino primário e também no ensino superior. A educação no Brasil muito a preocupava e ela sempre participou ativamente dos debates sobre o sistema educacional brasileiro. Publicou, no Rio de Janeiro, diversas crônicas sobre educação: de 1930 a 1933 no jornal **Diário de Notícias**, e de 1941 a 1943 no jornal **A Manhã**. Essas crônicas foram pela primeira vez reunidas e publicadas em cinco volumes em 2001, sob o título **Crônicas de educação** (MEIRELES, 2001), a partir da organização do professor e crítico literário Leodegário A. de Azevedo Filho.

Além das crônicas, ainda merece maior estudo, por parte da fortuna crítica da escritora, a intensa relação que Cecília Meireles estabeleceu com a cultura indiana, e em particular, com as ideias de Mahatma Gandhi (1868-1948), a Grande Alma da Índia. A presença da Índia e de Gandhi na obra ceciliana, seja poética ou em prosa, foi muito pouco pesquisada<sup>1</sup>, mas sabe-se que a escritora dialogou muito com os ideais gandhianos, sobretudo no campo educacional. Por isso, nos propomos no presente trabalho, a registrar alguns flagrantes da presença de Gandhi nas crônicas cecilianas sobre educação. Mas antes de adentrar essas crônicas com a intenção de flagrar essa presença é importante trazer à luz quais seriam os ideais gandhianos que tanto encontraram ressonância em Cecília Meireles.

**2. VERDADE E NÃO-VIOLÊNCIA: PRINCÍPIOS ÉTICOS E FILOSÓFICOS DE GANDHI**

*(...)minha profunda esperança sempre consistiu em levar aos hesitantes a fé na Verdade e no ahimsa.  
(GANDHI, 2001, p. 427).*

---

<sup>1</sup> Agradecemos a contribuição do Prof. Dr. Dilip Loundo, do Departamento de Ciência da Religião da UFJF, com quem conversamos a respeito do diálogo ceciliano com a Índia e com os postulados gandhianos, *Satyagraha* e *Ahimsa*. O Prof. Loundo é um dos poucos pesquisadores que também escreveu a respeito do tema desse artigo (LOUNDO, 2007).

Principiemos por destacar que a filosofia gandhiana é uma filosofia da práxis, portanto, uma ética voltada para o exemplo e a atitude. Seus discípulos deveriam mirar no mestre, menos o conteúdo didático, e mais o que ele fazia consigo mesmo, seguindo à risca aquilo que ele pregava e praticava.

Gandhi disse em diversas oportunidades que seus pensamentos e atitudes baseavam-se em dois princípios sagrados do hinduísmo: *Satyagraha* – a busca pela Verdade e *Ahimsa* – a Não-Violência. Ele insistia que o propósito da Não-Violência não poderia ser desvinculado da busca pela Verdade. Como dois lados da mesma moeda, um estava ligado ao outro, e ele se empenhou em transmitir isso.

A busca pela Verdade tornou-se o foco da vida de Gandhi, como ele mesmo afirmava: “Estou preocupado com minha prontidão em obedecer ao chamado da Verdade que é o meu Deus” (GANDHI, 2010, p. 108). Em torno dessa busca, ele fez várias experiências consigo mesmo, com sua família e com os indianos. Para ele, a Verdade era o princípio soberano que englobava todos os outros. Um princípio que, para além das nossas verdades relativas, diz respeito a Deus.

Essa experiência começou na sua estadia na África do Sul e na luta pelos direitos civis dos indianos lá radicados. A ideia de usar a força do espírito como meio pacífico e ativo de resistência à força do colonizador foi o que o moveu para a luta em benefício do mais pobre e do explorado.

O *satyagrahi*, aquele que pratica a *Satyagraha*, é o indivíduo que, após a busca da Verdade em espírito de paz e benevolência, afirma-se como um praticante da Não-Violência em confronto com as injustiças cometidas. Em seu ato de resistência pacífica, o *satyagrahi* sempre informa seu adversário sobre suas intenções e evita sistematicamente a prática de ocultar informações que lhe possam ser vantajosas.

Foi o que o Mahatma executou na África do Sul e depois levou para a própria Índia na busca pela independência do seu próprio país. Sempre cômico dos seus deveres para com a Verdade, ele nunca ocultou suas reais intenções de seus adversários, agindo sempre no dever daquilo que julgava correto, seja através de boicotes aos produtos ingleses, seja através da desobediência civil.

Os críticos podem observar muitas mudanças nas ideias de Gandhi ao longo da vida. Ele causou polêmica com algumas posturas consideradas radicais nos temas da educação, da saúde e até mesmo da sua vida doméstica. Em **Hind Swaraj: Autogoverno da Índia** (Gandhi, 2010), livro escrito em 1909 na forma de um diálogo hipotético entre um Editor do **Indian Opinion**, jornal editado por Gandhi por muitos anos, e um leitor ávido pelo autogoverno de seu país, mostra-se um Gandhi contrário aos médicos, aos advogados, ao sistema educacional da Índia, e propõe, basicamente, que os indianos deveriam se dedicar ao trabalho manual, em especial à tecelagem, e aprender apenas a língua mãe de seu país.

E aqui é preciso colocar as coisas em seu devido contexto. Primeiro, que todo o discurso em favor da Verdade, unidade de todas as coisas, só faria sentido se fosse na defesa da população pobre e desarmada da Índia; segundo, que esse texto foi escrito com o desejo de independência da sua nação, daí o fato considerado por alguns como radical, dele recusar tudo o que o Império Britânico trouxe a seu país, incluindo os sistemas jurídico, de saúde e educacional. Era, portanto, uma crítica a um ideário tecnocrata imposto pelo país colonizador à sociedade rural indiana.

Porém, o que mais chama a atenção quando se olha a evolução do pensamento gandhiano é, justamente, a sua obsessão pela Verdade. Por isso ele não se importava em parecer contraditório e em reconsiderar suas opiniões: “Em minha busca pela Verdade deixei de lado muitas ideias e aprendi muitas coisas novas” (GANDHI, 2010, p. 108). Era um jeito legítimo de servir ao princípio absoluto da Verdade e que, com certeza, contribuiu para arregimentar um bom número de admiradores pelo mundo afora. Sobre as contradições de seu pensamento ele ainda afirmou: “se alguém encontrar alguma inconsistência entre dois escritos meus, e esse alguém ainda tiver fé em minha sanidade, deverá escolher o mais recente dos dois sobre o mesmo tema”. (GANDHI, 2010, p. 108).

Esse ponto é muito importante. Mais do que ser consistente, para Gandhi era necessário ser Verdadeiro consigo mesmo e com os outros. A Verdade gandhiana consiste na renúncia, no desapego ao mundo material e a si mesmo na busca de uma autorrealização. Isso inclui reconhecer o próprio erro e despir-se do orgulho e assim ser capaz de abandonar a ideia antiga e incorporar a recém-descoberta.

Ao tornar-se a figura política mais emblemática da Índia, Mahatma teve sua imagem associada à de um homem santo. Os votos de pobreza e castidade, renunciando, assim, às benesses do poder e do prazer, contribuíram para essa associação. Ao incorporar o seu padrão ético e espiritual à sua agenda política, ele se tornou um modelo de comportamento intensamente inspirador. A agenda da educação, por exemplo, sofreu muitas adaptações ao longo do tempo. O Mahatma entendia que era preciso ensinar aos milhões de indianos pobres uma maneira de conquistar uma autossuficiência, por meio de um trabalho artesanal para escapar do jugo opressor. Contudo, entendia que isso só seria possível em longo prazo.

A Grande Alma sabia do poder revolucionário da educação, porém acreditava que uma sociedade deveria ser julgada não por sua tecnologia, mas pela maneira como tratava os mais necessitados. Nesse sentido, lutou pela emancipação da mulher e da classe dos intocáveis, os párias das castas indianas.

Segundo Makarand Paranjape, o fato que torna Gandhi único em nosso tempo está na consistência de um tripé que engloba experiência, pensamento e conduta. Esse tripé está fincado no solo da Verdade absoluta através do qual ele demonstrava a experiência adquirida e o pensamento reflexivo através de sua conduta de vida. O crítico ainda diz: “Não é possível ser ‘gandhiano’, isto é, seguir suas ideias, sem ser pelo menos um pouco ‘como Gandhi’, alguém que tente realmente pôr em prática essas ideias”. (PARANJAPE, 2010, p. 111).

Justamente essa conduta e estilo de vida que tanto fascinaram Cecília Meireles e a fizeram uma buscadora da Verdade, no sentido gandhiano, em sua obra literária. O pesquisador Dilip Loundo chega a falar mesmo de uma “estética da Verdade” de Meireles. (LOUNDO, 2007, p. 138).

O outro tema na obra ceciliana que tem por base o pensamento de Gandhi é a *Ahimsa*, a Não-Violência. É um termo do sânscrito que, muitas vezes, no ocidente, foi traduzido literalmente como paz. A questão é que, quando os ocidentais pensam em paz, imaginam um mundo sem conflitos, contudo, no pensamento gandhiano, Não-Violência traduz-se na forma de uma não-ação ativa, sendo que essa não significa aceitar calado, em nome da paz, as injustiças ao redor.

Para além da expectativa da independência de seu país, esse é um processo que tem por objetivo o aperfeiçoamento do ser humano. Por isso mesmo, a não-ação

ativa propõe atitudes contra o explorador, porém sem odiá-lo. Atitudes que poderiam vir na forma de protestos, boicotes, desobediência civil ou greves, inclusive de fome, em suma, resistência pacífica. De toda forma, essa resistência pacífica, para Mahatma, ganhava o significado de força do amor e que, em suas palavras é, em muito superior à força das armas: “A força das armas é impotente quando comparada à força do amor ou do espírito”. (GANDHI, 2010, p 79.). Portanto, o método da Não-Violência usa essa força do amor para abdicar de tudo que possa ser repugnante à consciência.

O termo *Ahimsa* tem origem nos textos sagrados dos **Upaniṣads**<sup>2</sup>, bem como no budismo e no jainismo, e é preciso compreender a extensão disso pois, segundo Makarand Paranjape: “Todo o vocabulário *secular* da Índia moderna na realidade tem raízes na terminologia religiosa, mágica e mística de tempos antigos”. (2010, p. 116). Essas palavras (*Ahimsa* e *Satyagraha*) ganham, no entanto, novo contexto quando evocadas por Gandhi. Fazem parte de um propósito maior de defender os mais necessitados em busca da Verdade e usando a força do amor para guiá-los nessa tarefa. Portanto, quando falamos aqui de Não-Violência como um dos princípios éticos de Gandhi que tiveram impacto em Cecília Meireles e sua obra literária, estamos nos referindo a *Ahimsa* em seu significado maior de ferramenta amorosa na busca pela Verdade.

Pois o propósito da Não-Violência é o amor. Quando alguém que você ama está fazendo algo de errado que pode prejudicar a si e a sociedade, é preciso resistir, mas sem causar danos físicos ou psicológicos ao outro, pois esses danos podem levar ao ódio, podem criar um círculo vicioso de retaliação e destruir quem odeia e quem é odiado. Por isso, a resistência deve ser feita com amor e nunca se esquivando de dizer a Verdade. Ela terá que operar uma mudança, terá que separar a má conduta de quem a praticou e atacar o mal sem atacar o praticante.

Cecília Meireles conhecia muito bem esses conceitos da filosofia de Gandhi e mais, segundo Loundo, mirando-se na práxis, na atitude e no exemplo do Mahatma, ela pôde incorporá-los em sua obra (LOUNDO, 2007). Ressaltados esses dois princípios, *Satyagraha* e *Ahimsa*, podemos partir para a compreensão de algumas crônicas cecilianas de educação, onde procuraremos flagrar a presença desses ideais gandhianos.

### 3. AS CRÔNICAS DE EDUCAÇÃO

*Tudo, em suma, é sempre uma questão de educação*  
(MEIRELES, 2001, p. 29).

A frase em epígrafe, da crônica *Questão de educação* (2001, p. 29-30), ilustra bem as ligações profundas que Cecília Meireles tinha com o tema, tanto que sua contribuição com escritos sobre educação é imensa. Segundo Leodegário de

---

<sup>2</sup> Os **Upaniṣads** correspondem à última seção dos *Vedas*, os textos sagrados do Hinduísmo, escritos em sânscritos, que tratam de questões metafísicas e de salvação.

Azevedo Filho organizador da coleção em prosa **Crônicas de educação** (MEIRELES, 2001) só no **Diário de Notícias**, jornal em que a escritora manteve uma página diária em uma coluna chamada “Comentário”, são mais de setecentos textos sobre o tema. Pois dentre essa vasta contribuição, é preciso fazer alguns recortes. Seleccionamos, aqui, algumas crônicas em que há citação direta a Mahatma Gandhi e também aquelas cujo enredo central remete às ideias gandhianas expostas anteriormente.

A crônica mais evidente sobre esse tema e com a qual iniciamos nossas considerações é *Gandhi e a educação* (MEIRELES, 2001, p. 79-81). Ela foi escrita em 1932, com Gandhi ainda vivo e atuante pela causa da independência da Índia e bem antes da viagem que levaria Cecília àquele país em 1953. Logo no início, a escritora revela o quanto conhece os textos de Gandhi, em especial aqueles escritos em hindi sobre o ensino e a aprendizagem. Ela chega a afirmar que a própria busca pela Verdade do Mahatma era uma tentativa de transformar o mundo através da educação baseando-se na lei do amor. O que ele pretendia era mudar o próprio entorno social através de uma educação que valorizasse os indianos como pessoas, e não através de uma educação tecnicista em que o que mais importa é o consumo, é a mercadoria.

Ela lembra que, em um de seus artigos, Gandhi condenou a Inglaterra por impor uma cultura e uma língua diferente aos indianos, obrigando-os a imitar os ingleses. No entanto, após meio século de dominação britânica, a Índia tinha ficado mais pobre ainda e os hindus mais fracos e incapazes de se defender, justamente porque a educação oferecida tinha por objetivo subjugar-los física e mentalmente. Toda essa situação precária da nação indiana fez surgir aquele Gandhi polêmico e radical que transpõe na obra já mencionada **Hind Swaraj**. Fica claro nessa obra que Gandhi não só lutava pelo autogoverno indiano, mas também abominava os indícios de civilização trazidos pelo colonizador que descaracterizavam valores e princípios de seu povo.

Cecília descreve ainda os defeitos apontados por Gandhi sobre a colonização estrangeira na Índia: a exclusão total da cultura nativa, a adoção de uma educação que priorizava as faculdades mentais e que desqualificava tanto as faculdades espirituais quanto o trabalho manual, além da insistência em um ensino veiculado unicamente através de uma língua estrangeira. Há ainda uma crítica presente nos ensinamentos de ambos: os manuais de ensino da Índia e do Brasil se concentravam em transmitir um conhecimento completamente alheio ao universo da criança, fazendo com que, no fim das contas, o estudante perdesse o vínculo com sua casa e sua terra natal e desconsiderasse a riqueza cultural e poética da sua própria comunidade, considerando-a bárbara:

Se eu fosse professor, destruiria certamente todos esses manuais, e faria escrever outros que tratassem da vida de família, de modo que a criança, estudando, pudesse influir sobre seu meio. É criminoso, na Índia, onde 80% da população é agrícola, dar às crianças uma educação puramente literária e tornar os rapazes e as meninas incapazes para o trabalho manual para o resto da vida. (GANDHI apud MEIRELES, 2001, p. 80).

O que se observa nas declarações de Gandhi citadas por Cecília é que ele ansiava por uma educação que, de fato, fosse fazer a diferença não somente na vida das crianças, mas também nas comunidades em que viviam e, em última instância, na própria nação indiana. O trabalho manual que Gandhi recomendou então a seu povo foi a tecelagem e isso mostrou-se bem útil, já que se pregava o boicote ao tecido britânico como um dos movimentos da não-ação ativa de resistência ao domínio colonial.

A cronista ressalta que a preocupação do Mahatma não era a mera alfabetização das massas nos moldes ocidentais, pois isso não interessava no processo de civilização do povo. O que realmente importava era preparar essas crianças para a vida em comunidade, física e espiritualmente. Para Cecília, esse era um belo sonho, ainda não conhecido completamente em seu tempo. Contextualizando, temos que lembrar que o Brasil dos anos 1930, década de publicação da crônica, também era majoritariamente agrário, com absurdas taxas de evasão escolar e com muitas semelhanças com a Índia, sendo ambos considerados países subdesenvolvidos. Esses aspectos não passaram, portanto, despercebidos pela escritora. As duas nações precisavam da educação como instrumento da Verdadeira civilização.

Civilizar é tornar apto para a criação de um destino. Oferecer forças, capacidades, orientação para a liberdade. Liberdade em todos os sentidos: ao lado do livro que instrui, a roça e o tear, que executam. Trabalho e pensamento. (MEIRELES, 2001, p. 81).

Na crônica *Despertar* (MEIRELES, 2001, pp. 59–60), Cecília usa a figura de Gandhi, assim como a de Sócrates, para tratar do tema educacional. Se reconhecemos que a educação forma o homem, a grande dificuldade está, justamente, em fazer despertar nele a vontade para adquiri-la. A cronista, como boa observadora do mundo, não deixa escapar o fato de que a maioria dos seres humanos vive como sonâmbulos sem “senões” ou “porquês”, exceto, é claro, quando acontece alguma fatalidade que lhe tire do lugar comum. Grandes exceções vieram dos exemplos socrático e gandhiano. Diz Cecília:

A maiêutica de Sócrates era um acordar contínuo dessa poderosa e secreta força que, dentro da vida, se afirma como vida mais nítida. E o seu *daímón*, aquela sua inspiração vigilante e certa, não deixará de ser, na Verdade, a voz latente e clara de uma vida mais alta, como, em Gandhi, a “pequenina voz silenciosa” que, do extremo da Ásia, se tem feito, no entanto, ouvir até a Britânia, de indiferentes ecos. (MEIRELES, 2001, p. 59).

Comparar figuras tão distantes no tempo não é tão absurdo quando consideramos que tanto Sócrates quanto Gandhi usaram a própria vida como

exemplo daquilo que pregavam, isto é, eram adeptos de uma práxis de sua filosofia. O sábio grego não deixou nada escrito, preferia dar aulas ao ar livre, andando e perguntando coisas a quem se achava muito sabedor delas. Eram seus alunos, especialmente Platão, que se preocupavam em escrever o que ele ensinava. O importante era fazer esse despertar da consciência humana. O sábio indiano escreveu bastante sobre política, ética, direitos humanos e até sobre si mesmo. No entanto, ele também, enquanto seguidor de *Satyagraha* e defensor de *Ahimsa*, usou sua vida para exemplificar aquilo que pregava, além de também tentar despertar as consciências através da educação de seu povo. Ainda que a cronista reconheça que no Hinduísmo não se recomenda “acordar quem ainda estiver dormindo”, ela alerta que é grande a propensão ao sono.

Trabalho e pensamento nos levam diretamente à próxima crônica, *A vida que não está sendo vivida* (MEIRELES, 2001, p. 3–5), na qual Meireles aborda, justamente, uma educação que propugna a necessidade de retribuição dos homens eruditos à sua comunidade de origem. Ela inicia comentando um texto publicado no periódico **Rural Indian**, de autoria de W. Samiah, no qual o autor indaga sobre exatamente que tipo de retorno esses homens eruditos poderiam dar às suas comunidades. O escritor lamenta que muitos jovens tenham sido seduzidos pela intensa vida social das cidades e que não voltem a seus rincões de origem. A vida urbana produz ególatras voltados para o luxo e ingratos com seu passado nas aldeias. Seria útil se esses homens formados nas universidades beneficiassem o meio rural com o seu conhecimento.

Como exemplo, ele cita que médicos poderiam tratar enfermidades locais, engenheiros poderiam se debruçar sobre problemas como irrigação, canalização e demais construções necessárias para melhorar a vida no campo, assim como advogados poderiam tratar de inquéritos locais. Aí entra a voz cecilianiana comparando Samiah a outros vultos da Índia, “bons sonhadores” (MEIRELES, 2001, p. 4) que não podem compreender a vida sem ser uma forma de constante, alegre e desinteressado servir. Cecília não sabia se essa visão solidária da educação teria, de fato, alguma repercussão na Índia que atravessava, à época, uma fase muito difícil. Mas ela não deixa de enxergar que tanto no passado quanto naquele momento a vida não estava sendo vivida com a grandeza que merecia.

É, em certo sentido, uma crônica de vanguarda que já tratava de assuntos que se tornariam muito populares nesse início de século XXI, onde a nossa sociedade se encontra totalmente entregue a um mundo não só automatizado, como sobretudo informatizado. Para a escritora, o ambiente das cidades já era sufocante, poluído, o tempo era cronometrado e devorava a vida, a inteligência e todo o colorido que há em viver. O poder literário dessa crônica está na forma de descrever a própria civilização moderna que também era alvo da crítica gandhiana:

Desde que entramos neste cenário torturante da chamada alta civilização é como se subíssemos à prancha giratória de um circo, dominada por um movimento aceleradíssimo e sem promessa e nem esperança de parada. Toda nossa energia se concentra em vigiar o equilíbrio, para evitar o que nos parece um infalível desastre. (MEIRELES, 2001, p. 4)

Se o desastre parece inevitável, e estaríamos nessa tentativa de fuga desperdiçando as nossas vidas, por que não investir num ritmo mais lento, mais voltado à contemplação interior, que nos desaparegasse do efêmero e mirasse o eterno?

A crônica *A extensão da nossa liberdade* (MEIRELES, 2001, p. 7-9) também não alude diretamente ao nome de Gandhi e, aparentemente, não teria uma ligação com os postulados gandhianos mencionados. No entanto, comparamos a urgência da fala da poeta-cronista a um desabafado compromisso com a Verdade e também com o desaparego do ego. Cecília começa lembrando que muitas vezes nos achamos como super-heróis capazes de modificar o mundo inteiro e nele influir com nossos bons propósitos. “Porque temos a boa-fé imensa dos que acreditam que a humanidade deseja evoluir, e recebe com alegria todas as oportunidades de progresso”. E, então, como não pensar que a liberdade não é exatamente isso? “Somos todos prisioneiros.” (MEIRELES, 2001, p. 7).

Cecília nos lembra que somos prisioneiros do mundo, uns mais, outros menos, pois não escapamos de tudo que pode nos acorrentar, sobretudo, o pensamento. Ainda que algumas datas, como o 14 de julho da queda da Bastilha, nos lembrem da força da liberdade, elas não são capazes de indicar uma fórmula que possa agir magicamente sobre o desejo de liberdade e o realizar em todos os sentidos. A autora nos mostra as armadilhas do cotidiano, do ego, da vida, que nos enganam e aprisionam:

Percebemos as pequenas Verdades transitórias e relativas de todos os dias, e a grande Verdade absoluta, que, de longe, comanda o giro rítmico da própria mentira (...) Mas não a podemos dizer. Fica-nos sobre os lábios ardendo... Não pode viver cá fora (...) Não há uma atmosfera que a sustente. (MEIRELES, 2001, p. 8).

Somos forçados a viver com medo e prisioneiros de nós mesmos, por mais que acreditemos numa Verdade absoluta. Pressionados por amigos e inimigos, nós ainda temos a coragem de nos dizer livres. Como somos livres se somos tolhidos diariamente por preconceitos, mesquinhas, mentiras convencionais e cristalizadas, segregação de classe ou casta? A cronista, como boa leitora dos **Upaniṣads**, lembra que a alma é imortal e a liberdade é seu clamor legítimo. Nós só poderemos conquistá-la, de fato, quando transcendermos o “corpo miserável” que vicia o “espírito imortal”.

Alçar voo num corpo terreno de modo que alcance o inefável, o eterno, é, novamente, tema da crônica ceciliana *Equilíbrio* (MEIRELES, 2001, p. 55-57). O espírito humano é detido pelas inúmeras obrigações que criou para si mesmo e está acorrentado a prisões que só geram dor. Entretanto, não é de sua natureza ficar mesquinhasmente preso às coisas, pois a prisão na qual ele se encontra é uma invenção de si próprio que cerceia sua liberdade. O que o homem almeja, de fato, é a comunhão com o todo, o sagrado, o universo. Ele precisa, então, equilibrar-se entre seu ser social e individual. O que vemos, em geral, é exatamente o oposto, ou seja, são as ações individuais governando a maior parte de nossas ações:

Não há nada mais triste no mundo que o voo do espírito detido pelo peso das necessidades. As obrigações que o homem criou para si mesmo, no sistema de vida que os séculos superpuseram à vida espontânea, começaram por ser uma disciplina de relações múltiplas, mas acabaram por uma tortura de prisões múltiplas, diferentes umas das outras para tornarem ainda maior o sofrimento. (MEIRELES, 2001, p. 55).

Lembrando que Gandhi se dizia alguém comprometido com a Verdade suprema e que, portanto, era normal que mudasse de opinião caso a Verdade apontasse para outra direção, pode-se analisar a crônica *Os Intransigentes* (MEIRELES, 2001, p. 13-15). Aqui, Cecília mira exatamente o tipo de ser humano incapaz de rever suas opiniões e que se acha o dono da Verdade, sendo sua razão única e sobre a qual não quer transigir. “Os intransigentes são os refratários à evolução” (MEIRELES, 2001, p. 13). Começa assim a crônica já denunciando os obstinados a qualquer custo. Meireles lembra a religiosidade hindu que vislumbra a eternidade, apesar da aparência de transitoriedade. É nesse horizonte que ela se percebe sorrindo do jogo de ilusões do mundo. E como o mundo nos ilude, tudo pode mudar, inclusive as opiniões. Por isso,

Ser intransigente é, pois, também desprezar covardemente a própria humanidade. É desconhecer por completo essa alegria de acompanhar o movimento do espírito humano, saudando com encanto cada um dos seus instantes, não porque traga esta ou aquela soma de benefícios, mas simplesmente porque pertence à vida – e a vida é um dom extraordinário. (MEIRELES, 2001, p. 13).

O intransigente não vê o valor da vida porque é um egoísta. Cerca-se dentro de uma bolha que o protege de ideias diferentes da sua. É inimigo, pois, da Verdade e da Não-Violência, que lidam justamente com o desapareço do ego para se chegar a soluções dos conflitos. Sua obstinação é tanta que ele recusa qualquer coisa que lhe ofereçam e que possa sugerir algo diferente daquilo que havia pensado. A cronista pondera que no vasto campo de nosso universo deve existir também alguma razão desconhecida para a existência do intransigente. Nos mistérios da vida, não podemos prever se um intransigente não poderá reaparecer transfigurado. Ainda assim, não há tipo pior para lidar com a infância e a juventude. Estas inocentes fases da vida que, sabiamente, ignoram as intransigências de opinião.

Por conclusão, o homem intransigente não pode ser um educador porque lhe falta a beleza de poder descobrir em cada coisa “uma razão maravilhosa de existência, uma sugestão, uma esperança, um ideal” (MEIRELES, 2001, p. 15). Os educandos desejam abrir-se ao mundo enquanto o intransigente oprime e sufoca. “O educador tem que ser um acordador de energia. O intransigente é um portador da morte”. (MEIRELES, 2001, p. 15).

Eis então alguns flagrantes da presença dos ideais gandhianos nas crônicas cecilianas sobre educação. Cecília Meireles, seja na obra poética ou em prosa, muito dialogou com Gandhi. O presente trabalho procurou flagrar esse diálogo nos escritos da escritora direcionados mais explicitamente ao campo educacional.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*(...) e bem sabemos que a educação é um plano de longo prazo.  
(MEIRELES, 2016, p. 135)*

Gandhi está muito presente na obra de Cecília Meireles. Como ela mesma sublinha, na crônica já mencionada, *Gandhi e a educação* (MEIRELES, 2001, p. 79-81), ele foi o mestre que “ensin[ou] a Não-Violência, a vitória da reflexão sobre o impulso, do espírito sobre a matéria, da vida sobre a máquina”. (MEIRELES, 2001, p. 80), lições estas que ela estava receptiva para aprender. O caminho do Mahatma era um espelho para a escritora que via, ali, não só um modelo de luta contra a opressão social, mas também um exemplo de compromisso com o aperfeiçoamento e educação do próprio homem. Através de Gandhi, ela vislumbrou um caminho revolucionário, a ser percorrido a partir do comprometimento com a Verdade e a Não-Violência, e a ser praticado com o espírito de educar o ser humano.

Pois concluímos o presente trabalho com uma crônica que resume bem a relação de Cecília com o mestre Gandhi, ainda que esta não se intitule sobre educação, e sim, “O aniversário de Gandhi” (MEIRELES, 2016, p. 134-137):

Há em Gandhi uma claridade fixa, que cativa as pessoas de boa vontade, porque ela é uma promessa, uma esperança de que cada um de nós pode ser assim – de que a natureza humana pode ser sem perversidade, sem desvios, sem lances de mentira e traição. Que esses defeitos podem ser redimidos, que o homem pode cultivar em si apenas o que há de generoso e nobre em sua natureza, e que pode chegar à mais alta dignidade sem destruir nenhuma vida, sem oprimir nem desprezar ninguém. (MEIRELES, 2016, p. 136-137).

---

#### Referências

---

GANDHI, Mahatma. **Autobiografia**: minha vida e minhas experiências com a Verdade. São Paulo: Palas Athena, 2001.

GANDHI, Mahatma. **Hind Swaraj**: Autogoverno da Índia. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

GOUVEA, Leila. V. B. **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2007.

LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVEA, Leila. V. B. **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 129-136.

MEIRELES, Cecília. **O que se diz e o que se entende**. São Paulo: Global, 2016.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, vol. I.

PARANJAPE, Makarand. Hind Swaraj em nossos dias. In: GANDHI, Mahatma. **Hind Swaraj**: Autogoverno da Índia. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

---

#### **Para citar este artigo**

---

SILVA, T. V. Z. da.; FERIGATE, A. A. Flagrantes da presença de Gandhi nas crônicas cecilianas sobre Educação. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 35-46.

---

#### **Os autores**

---

TERESINHA VÂNIA ZIMBRÃO DA SILVA é professora titular da graduação em Letras e da pós-graduação (mestrado e doutorado) em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e professora doutora

ANDERSON AZEVEDO FERIGATE é mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professor do ensino público de Minas Gerais.